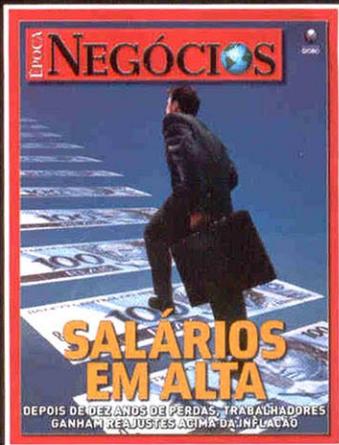


ÉPOCA

A MODERNA REVISTA SEMANAL DE INFORMAÇÃO

R\$ 6,90 Nº 387 17 outubro 2005

www.epoca.com.br



NESTA EDIÇÃO



ESPECIAL
ÉPOCA
PROMOCIONAL

STRESS X CORAÇÃO

NOVAS PESQUISAS REVELAM QUE AS PRESSÕES DO DIA-A-DIA SÃO TÃO PERIGOSAS QUANTO O CIGARRO E A OBESIDADE. SAIBA COMO DESARMAR ESSA BOMBA

ÉPOCA

NEGÓCIOS

EDITORA
GLOBO



SALÁRIOS EM ALTA

DEPOIS DE DEZ ANOS DE PERDAS, TRABALHADORES
GANHAM REAJUSTES ACIMA DA INFLAÇÃO



SALÁRIOS REAGEM



Poder de barganha

Após um dissídio bem-sucedido, os trabalhadores da Volkswagen cruzaram os braços diante da proposta de PLR da fábrica

GREVE

Depois de dez anos de perdas, os trabalhadores de fábricas e executivos de alto escalão ganham reajustes de salário acima da inflação. As oportunidades, porém, não são para todos

PATRICIA CANÇADO

O currículo do administrador de empresas Alexandre Grecov é um retrato claro da economia brasileira. Em 2002, ele sentiu na pele a onda de corte de custos que abalou o mundo corporativo. Foi demitido da Telefônica junto com 29 colegas de seu departamento. No mês passado, viveu uma situação oposta. Ele tomou coragem e "intimou" o chefe a lhe dar um aumento de 15% em seu salário de gerente das lojas DPaschoal, rede para a qual trabalha há dois anos e meio. Grecov, de 32 anos, vem se mostrando um bom funcionário, mas não teria sido bem-sucedido na negociação se a empresa em que trabalha não estivesse numa boa situação. "Foi o momento ideal para pedir aumento. Consegui bater minhas metas de vendas, e a rede tem planos ambiciosos, quer dobrar de tamanho nos próximos três anos", conta o administrador.

O aumento de salário obtido pelo gerente da DPaschoal não é uma exceção. Das negociações coletivas de sindicatos aos salários de altos executivos, vários estudos indicam a mesma tendência. Depois de uma década de perdas ou reajustes salariais medíocres, o balanço das negociações voltou a pender para o lado dos empregados. Os ganhos vão dos trabalhadores especializados ao topo das empresas. "Nos anos anteriores, a ameaça constante de desemprego desencorajava os funcionários a pedir aumento. Este é um ano de aumento real, de dividir um pouco da riqueza gerada", diz Arnaldo Nogueira, professor da área de relações do trabalho da PUC-SP e da USP.

Uma boa amostra do que está acontecendo pode ser vista nas mobilizações de empregados no pátio das fábricas, nas agências de bancos e em protestos de rua. O sindicato dos metalúrgicos do ABC acaba de fechar a melhor negociação dos últimos dez anos. Garantiu um reajuste de salário acima da inflação para 2005 e 2006. Além disso, acertou com as empresas um avanço na participação nos lucros e resultados, conhecida como PLR. O melhor acordo foi com a Scania, com pagamento de R\$ 6.400 para cada trabalhador. Na Volks, os operários não aceitaram a proposta de R\$ 4.700 e, ao contrário dos anos de recessão, tomaram coragem para entrar em greve. Eles reivindicam R\$ 5.500 de PLR.

Os metalúrgicos do ABC são uma das categorias mais organizadas do país e se beneficiam do bom momento da indústria automobilística. Conseguiram um resultado acima da média, mas surfaram na mesma onda de outras categorias. Um estudo do Dieese mostra que 84% dos acordos salariais fechados no primeiro semestre de 2005 foram

84%

das negociações coletivas ficaram igual ou acima da inflação no primeiro semestre de 2005

iguais ou maiores que o índice de inflação INPC. "No segundo semestre, que é quando estão concentradas as negociações da indústria, o resultado deve ser ainda melhor", diz José Silvestre, diretor-técnico do Dieese. Dados do IBGE mostram que os salários de agosto de 2005 são 3,7% maiores que os do ano anterior.

Não é que os trabalhadores estejam nadando em dinheiro ou ganhando aumentos espetaculares. A novidade é que pararam de perder para a inflação e começaram a recuperar perdas de anos anteriores. A boa notícia vale não só para operários, como para profissionais de escalão intermediário e comando. ▶

Foto da capa: Javier Dauden/Corbis

Fotos: Marcelo Spataro/ÉPOCA



Bolso cheio Alexandre Grecov, gerente na DPaschoal, aproveitou o bom momento da empresa para conseguir aumento de 15%

Oportunidade A executiva Lenita Lopes tomou coragem, pediu demissão e conseguiu um emprego para ganhar 20% mais





COMO NEGOCIAR SEU SALÁRIO

► Qual é o melhor momento?

Algumas empresas têm data para avaliação de desempenho do funcionário. Se isso não existe na sua, o melhor é fazer a negociação depois de terminar um grande projeto, conquistar bons resultados ou ganhar mais responsabilidades. Pedir aumento quando a empresa está em dificuldade financeira quase nunca dá certo.

► Qual deve ser o tom da conversa?

Nesse tipo de negociação não dá para usar justificativas abstratas. É preciso estar muito seguro e justificar, com exemplos concretos, por que você merece um aumento. Cuidado: a arrogância nunca é bem-vinda.

► Como abordar o chefe?

Não ouse fazer o pedido quando o chefe estiver de mau humor ou com a mesa cheia de trabalho. Se não houver abertura para falar diretamente sobre o assunto, chame-o para conversar sobre sua carreira. Peça um retorno de seu trabalho. Se a resposta for boa, aproveite a chance para fazer o pedido.



Uma pesquisa recém-concluída pela consultoria de recursos humanos Mercer com 232 grandes empresas mostra que os salários de todas as categorias subiram, em média, 7,1% entre junho de 2004 e maio de 2005. O resultado ficou mais de 1 ponto porcentual acima da inflação. Para o ano que vem, os empresários esperam repetir esse reajuste, com uma vantagem para os trabalhadores: como a inflação está em queda, o ganho será, proporcionalmente, maior.

"Não tem milagre. Se a economia vai bem, os salários crescem acima da inflação. O contrário também é verdadeiro", diz Marcelo Ferrari, consultor da Mercer. Não é à toa que os profissionais beneficiados por maiores reajustes foram os de pesquisa, os de produção industrial e de marketing nos pontos-de-vendas, todos com aumentos acima de 10%. "As duas primeiras áreas crescem toda vez que há grandes investimentos. E o marketing em ponto-de-venda é uma área pouco explorada nas empresas. Esses profissionais estão mais valorizados", diz Ferrari.

O movimento tem algumas explicações. Uma delas é que a inflação ficou abaixo do previsto, diz Marcelo de Ávila, economista do Ipea, e isso favoreceu o poder de compra dos trabalhadores.

A outra é que, como a economia está crescendo, as empresas lucram mais e topam dar reajustes maiores para não perder tempo e dinheiro com greves. "É um momento bom para reivindicação. Os sindicatos estão com mais poder de barganha", diz Nogueira. Além disso, surgem mais oportunidades de trabalho. Em tempos de recessão, o profissional se agarra a uma posição, mesmo quando está insatisfeito, com medo do desemprego. Com maior dinamismo da economia, surgem novas propostas de emprego e ofertas de salário.

A psicóloga Lenita Lopes, de 41 anos, não teria pedido demissão da Janssen-Cilag, divisão farmacêutica da Johnson & Johnson, se o momento não fosse oportuno. Depois de passar nove anos na mesma empresa, Lenita queria dar um novo rumo a sua carreira de executiva. Ela teve entrevistas quase todos os dias úteis nos dois meses em que ficou fora do mercado. E pôde

se dar ao luxo de não pegar o primeiro emprego que apareceu. Em maio, foi contratada pela empresa de medicina diagnóstica Fleury para dirigir o departamento de recursos humanos. A executiva negociou um salário 20% maior que o do emprego anterior.

Nos cargos de comando, essa tendência é bastante clara. Segundo a pesquisa da Mercer, os presidentes de empresas tiveram aumentos de 11% a 12%, bem acima da média dos trabalhadores. "A demanda por esses profissionais cresceu muito em função dos novos investimentos, com abertura de novas áreas e unidades de negócios", diz Guilherme Veloso, consultor da empresa de recolocação de executivos Pannelli Mota Cabrera.

Em geral, as oportunidades para ganhar melhor estão nas áreas mais dinâmicas. Hoje, a economia vem sendo puxada pela indústria, principalmente naqueles setores voltados para a exportação. Além disso, quem fabrica produtos para venda a prazo no mercado interno, como carros e aparelhos eletrônicos, também tem um bom desempenho. Segundo dados do IBGE, entre agosto de 2004 e agosto de 2005 os salários subiram mais que a média nacional na indústria, nas companhias de energia, gás e água, no comércio, nas imobiliárias e nas empresas de serviços domésticos e de intermediação financeira. A construção puxou os resultados para baixo.

O surgimento de novos empregos, porém, não é para todas as categorias. Desta vez, o mercado não absorveu primeiro os menos qualificados. Entre setembro de 2004 e agosto de 2005, o grupo que tem no mínimo ensino médio completo teve um saldo positivo em 566 mil contratações. A turma de trabalhadores com menos de sete anos de estudo perdeu 66 mil vagas. No Brasil, a diferença do diploma conta mais que em outros países. Ter mestrado ou doutorado em Administração, Medicina, Economia, Engenharia ou Direito dá ao profissional um salário pelo menos 260% maior que o de quem nunca frequentou a escola, segundo um estudo feito pelo economista Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais do Ibré/FGV. Passar por uma faculdade pode garantir um aumento de pelo menos 150%. Os brasileiros voltaram a ter aumentos de salário acima da inflação, mas as melhores oportunidades são para os que ocupam o andar de cima da pirâmide social. ■

R\$ 6.400

foi quanto os funcionários da Scania receberam de PLR